

JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**RECARREGANDO AS BATERIAS:
SOLIDÃO NA FASE DO
ENVELHECIMENTO**

**RECHARGING THE BATTERIES:
SOLITUDE IN THE AGING PHASE**

Ronan Pereira BENTO
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: onanpereirabento@catolicaorione.edu.br

Ana Letícia Guedes PEREIRA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: ana@catolicaorione.edu.br



RESUMO

O envelhecimento é um tema rodeado de tabus e estereótipos que dificultam o planejamento para a experiência humana durante esta fase da vida. Por outro lado, pode ser difícil para muitos filhos compreender que seus pais estão envelhecendo, sendo assim, torna-se mais complicado realizar adaptações para atender as necessidades dos velhos. Este estudo teve por objetivo compreender a vivência da personagem do curta-metragem *Changing Batteries* durante a fase do envelhecimento e, mais especificamente, compreender o apoio dado por sua família à mesma durante esta fase e os recursos com os quais ela contou para promover sua qualidade de vida durante a velhice. Para tanto, esta pesquisa adotou um delineamento qualitativo e exploratório e teve como referencial a pesquisa sobre o ciclo vital da família realizada pela pesquisadora Ceneide Cerveny. Os resultados demonstram o quanto se faz necessária a atenção para esse grupo etário e como a rede de apoio é fundamental durante esta fase do ciclo vital.

Palavras-chave: Velhice. Velha. Solidão. Isolamento. Sociedade.

ABSTRACT

Aging is a topic surrounded by taboos and stereotypes that make it difficult to plan for the human experience during this phase of life. On the other hand, it can be difficult for many children to understand that their parents are aging, thus making it more complicated to make adaptations to meet the needs of the elderly. This study aimed to understand the experience of the character in the short film *Changing Batteries* during the aging phase and, more specifically, to understand the support given by her family to her during this phase and the elements she relied on to promote her quality of life during old age. To do so, this research adopted a qualitative and exploratory design and had as a reference the research on the family's life cycle conducted by Ceneide Cerveny. The results show how necessary it is to pay attention to this age group and how fundamental the support network is during this phase of the life cycle.

Keywords: Old Age. Elderly. Loneliness. Isolation. Society.

INTRODUÇÃO

Fase última do Ciclo Vital da Família

O envelhecimento é um tema rodeado de tabus e estereótipos que dificultam o planejamento para a experiência humana durante esta fase da vida. Com isso, se faz importante refletir sobre o envelhecimento e compreender como esse processo está estabelecido na sociedade, na cultura e no âmbito da família. Para tanto, será dada ênfase à teoria do ciclo vital da família proposta pela pesquisadora Ceneide Cervený, destacando a fase última.

Cervený (1997) realizou uma grande pesquisa com famílias da cidade de São Paulo e do interior do estado de São Paulo e, por meio desse trabalho, caracterizou a fase de aquisição, a família em fase adolescente, a família em fase madura e a família na fase última. De acordo com essa autora, ao contrário da assistência prestada pelos pais aos filhos, a assistência dos filhos aos pais parece investir-se de um caráter quase de exceção ou de prestação de favores.

A autora destaca ainda que a fase última explicaria ou daria sentido a todo o ciclo ou deixaria mais evidente a dúvida sobre a passagem da humanidade pelo planeta e o sentido da própria família enquanto núcleo de relações.

Cervený (1997) comenta que a transição para a fase última é marcada pelo rompimento com os laços de trabalho formal, e o tempo livre, ao mesmo tempo de liberdade e angústia, é um tempo para ser redimensionado. Na fase última há reflexões sobre a família que foi formada, e esse momento de balanço deve ser estendido a outros membros, assim, o sentido de continuidade pode ser compartilhado entre gerações.

A autora reflete ainda sobre a casa moderna, que é cada vez mais reduzida, tendo o tamanho da família ou sendo ainda menor que esta. Antigamente, no modelo de família extensa patriarcal, o velho estava resguardado pelo poder de uma autoridade hierárquica, mas, na atualidade, tendo em vista a redução física das moradias, é difícil para a família receber seus velhos quando estes começam a perder a autonomia.

Envelhecimento e Rede de Apoio

O envelhecimento, para Ferreira et al (2010), é um fenômeno do processo de vida que se inicia na infância, passa pela adolescência e termina na maturidade, que se caracteriza por alterações psicossociais biológicas específicas relacionadas com o passar do

tempo. No entanto, esse fenômeno varia de pessoa para pessoa e pode ser determinado por genes ou influenciado pelo estilo de vida, por características ambientais e outras circunstâncias.

A velhice, então, geralmente está relacionada a mudanças no corpo, porque à medida que o sujeito envelhece, o corpo naturalmente vai se desgastando. Com isso, muitos sinais físicos externos vão se tornando mais evidentes, surgem marcas como cabelos incolores, rugas, audição e visão em declínio, redução muscular e, em alguns casos, habilidades cognitivas são comprometidas, há perda de memória e a percepção fica prejudicada (GUIMARÃES; CARNEIRO, 2012).

Ainda de acordo com os autores, as mudanças na velhice são visíveis e contribuem para uma conexão entre o idoso e a feiura, pois alguns ideais estéticos se estabelecem em relação ao corpo jovem, e o idoso passa a ser considerado feio. Esses conceitos se baseiam muitas vezes no fato de que os velhos carregam junto a eles muitos estigmas de incapacidade, declínio e finitude, muitos deles costumam incorporar esses conceitos, prejudicando sua saúde mental.

Para muitas pessoas, a representação da velhice vem com muitas características negativas. Elas têm medo da velhice porque a veem como um momento de perda emocional e social, com isso, ocorre o medo de finitude e morte. A velhice é sinônimo de morte, pois a possibilidade da mesma torna-se mais decisiva. A idade também pode trazer perdas, porque muitas pessoas que vêm a óbito pertencem a essa faixa etária, com isso, há essa construção que une a velhice à morte (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012).

Ainda para os autores, a finitude passa a ser tangível na velhice, nessa fase, as pessoas tendem a ver a morte como um fato. Com isso, se tem muita dificuldade para assumi-la como algo pertencente à natureza humana. O medo da morte se desmembra em dois tipos de sofrimento: o pessoal, relacionado ao sofrimento físico e à autoestima, e o sofrimento de substituição, relacionado ao desconforto em presenciar o sofrimento do outro.

Por outro lado, uma das mudanças que pode ocorrer é a redução dos contatos sociais. De acordo com Oliveira (2011), na fase do envelhecimento, muitas vezes o indivíduo se depara com situações nas quais as pessoas querem excluí-lo de sua condição de gente. Os velhos são pessoas não reconhecidas como tais nas representações dominantes na sociedade, como se a eles não pertencesse o presente.

Bowlby (1997) destaca que o bebê humano necessita de alguém que possa compreender suas necessidades e satisfazê-las. Ele também estudou as consequências de uma separação entre mãe e filho na primeira infância e destacou que a necessidade do vínculo persiste por toda a vida do ser humano, inclusive durante a fase do envelhecimento.

Lima, Coelho e Gunther (2011) comentam que uma velhice saudável depende de elementos intrínsecos à história pessoal, das condições físicas e do suporte social que o velho tem. O relacionamento com os netos pode também oferecer ao velho uma segunda oportunidade e a possibilidade de serem lembrados após a morte.

Porém, observa-se na atualidade que muitos velhos não contam com o apoio e o suporte social que seriam essenciais para a manutenção de sua qualidade de vida. Esse fato pode ser observado no curta metragem *Changing Batteries*, uma animação que não precisa de diálogos ou palavras para mostrar as consequências da solidão durante essa fase da vida.

O curta-metragem mostra a história de uma senhora que vive sozinha e recebe de presente pelo correio um ajudante robô que necessita de baterias para se manter em funcionamento. Uma amizade se desenvolve entre esses dois personagens, até que a senhora morre, e o robô tenta em vão recarregá-la com suas próprias baterias.

Este trabalho tem por objetivo compreender a vivência da personagem do curta-metragem *Changing Batteries* durante a fase do envelhecimento e, mais especificamente, compreender o apoio dado por sua família à mesma durante essa fase e os recursos com os quais ela contou para promover sua qualidade de vida durante a velhice.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou um delineamento qualitativo e exploratório. Na pesquisa qualitativa se busca fazer um estudo para compreender os fenômenos em seu caráter pertencente, a coleta de dados na maioria das vezes se faz de forma descritiva. O termo pesquisa qualitativa tem diferentes significados no campo das ciências sociais, incluindo um conjunto de diferentes técnicas de interpretação destinadas a explicar e a decodificar os vários componentes de um complexo sistema de significados (NEVES, 1996).

O presente trabalho possui também natureza de pesquisa exploratória. Gil (2002) comenta que a pesquisa exploratória visa familiarizar mais as pessoas com o problema abordado, tornando-o mais claro e auxiliando na construção de hipóteses. A maioria desses

estudos envolve levantamentos bibliográficos e entrevistas com pessoas que têm experiência prática nas questões pesquisadas.

Com isso, foi escolhido para a realização deste trabalho o curta-metragem *Changing Batteries*. Através da descrição das cenas mostradas no curta-metragem, deseja-se realizar um paralelo entre o filme e a realidade vivenciada por senhoras nessa fase do ciclo vital, buscando subsídios na literatura específica sobre o envelhecimento e o ciclo vital que contribuam para as discussões acerca do tema abordado neste trabalho.

O curta-metragem é o resultado do trabalho de fim de ano desenvolvido pela equipe de Produção da Sunny Side Up, que conta com a escritora Shu Gi Lim, a diretora Cassandra Ng, Hon JiaHui como cinematografista e com Bahareh Darvish como design de mídia social, da Cyberjaya Multimedia University na Malásia. O curta-metragem tem como tema principal de trabalho o aspecto “mudanças”, girando em torno de uma senhora na terceira idade que recebe de presente do filho um robô auxiliar, apresentando a construção de laços de amizade e companheirismo.

Changing Batteries participou do festival Café Neu Romance realizado em Praga, na República Tcheca, e foi ainda nomeado para o prêmio BANG, em Portugal, e recebeu o “Delta - The Best Five” na noite de Prêmios de Animação e Efeitos Visuais de 2013, na Multimedia University. O curta foi desenvolvido no ano de 2013, tendo duração de 5 minutos e 33 segundos e se encontra disponível no canal oficial da Sunny Side Up Production no aplicativo Vimeo e em diversos canais no YouTube.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando a pessoa se encontra na fase da velhice, surgem diversos fatores que corroboram para o adoecimento físico e psíquico do sujeito. E uma das causas que colabora para o sofrimento psíquico que a pessoa pode apresentar é a falta de apoio no ambiente familiar. Esse apoio é essencial para que o indivíduo possa lidar com diversas situações, como estresses, crises emocionais e mudanças na vida com o passar do tempo. No caso de pessoas velhas, esse apoio é uma parte fundamental para o bem-estar do sujeito, e, quando isso não ocorre, pode haver sinais de adoecimento.

No curta-metragem *Changing Batteries*, que retrata a vida de uma senhora velha e solitária em seu dia a dia, pode-se notar como é importante o apoio familiar para o bem-estar das pessoas velhas. Logo no início do curta-metragem, observa-se a imagem de uma estante na qual há dois porta-retratos, um retrata a senhora com seu esposo, e o outro os

dois com seu filho. A câmera se desloca lentamente e mostra a velha sentada e sozinha em casa, realizando atividades domésticas. Logo a campainha toca, e a senhora se apressa eufórica para atender. Porém, ela não encontra ninguém lhe esperando à porta, ela inclusive olha para os lados para confirmar se realmente não havia alguém, é neste momento que ela se depara com uma caixa, a qual arrasta para dentro de sua casa.

Então, ela nota que no objeto contém um cartão com a seguinte explicação: “Desculpe Mãe, não consegui voltar de novo este ano. Aqui está algo pra você. Lhn.” Após a senhora ler o bilhete, pode-se notar sua tristeza e descontentamento acerca do acontecimento. Mota et al (2010) comenta que a mudança na estrutura familiar tem impactado no cuidado prestado ao velho, pois, nesse caso, fazendo uma alusão ao curta-metragem, a família nem sempre está disposta a cuidar do mesmo. As necessidades sociais relacionadas, por exemplo, ao trabalho, muitas vezes levam a um afastamento das famílias e ao negligenciamento no cuidado familiar aos velhos.

Por outro lado, Cerveny (1997) comenta que, à medida que a família envelhece, ocorre um distanciamento natural, pois novos membros surgem e outras demandas se apresentam. À medida que a pessoa envelhece, as outras gerações familiares são chamadas à função de cuidar e acredita-se que, devido a uma crença construída na infância de que os pais são fortes e não passam por vulnerabilidades, os filhos tenham dificuldade de assumir o papel de cuidadores. Quando os pais precisam de cuidados, os filhos precisam olhar para frente, para cuidar de seus próprios filhos e olhar para trás, a fim de cuidar de seus próprios pais, esse pode ser um momento rico para a família, mas isso só vai acontecer se a família estiver atenta às passagens do ciclo vital, porém, em muitos casos, o envelhecimento é vivido como uma surpresa.

No curta-metragem não é possível saber qual foi o motivo pelo qual o filho da senhora não foi visitá-la, entretanto, pode-se observar que não é a primeira vez que esse fato ocorre, e, no decorrer da obra, não é notada nenhuma cena na qual ela recebe a visita do filho, pode-se então levantar a hipótese de que ela raramente recebia visitas do mesmo.

O filho se fez presente por meio da encomenda enviada à mãe, entretanto, o presente enviado não substitui a presença física do filho e o contato fundamental para o bem-estar físico e psíquico da senhora, por outro lado, o breve bilhete escrito para ela apenas informa sobre a ausência do filho. Não se observa uma comunicação carinhosa ou a preocupação de enviar notícias mais substanciais para a mãe, que pudessem, por exemplo, resultar em uma troca de cartas entre eles, o que poderia diminuir a distância e a saudade.

As palavras são poucas e o presente enviado, ou seja, um robô, para fazer companhia à velha, lembra um movimento que pode ocorrer na fase de aquisição. Cervený (1997) comenta que, durante a fase de aquisição, para constituir a própria família, os indivíduos terão que se preocupar com a aquisição de bens materiais, com a construção de suas carreiras profissionais e com a aquisição de independência em relação à família de origem.

Tendo em vista essas necessidades, na fase de aquisição, pode ocorrer que os pais permaneçam distantes dos filhos por conta do trabalho e de seus afazeres e presenteiem os mesmos com presentes caros numa tentativa de diminuir a culpa pela própria ausência. Observa-se então um movimento que pode ser a repetição de um gesto em família.

É essencial compreender os fatos que ocorrem em família dentro de uma perspectiva sistêmica, a fim de evitar o erro de compreender esses eventos de forma isolada e equivocada, assim, compreende-se também que não há vítimas e algozes e que cada pessoa tem responsabilidade diante da situação vivenciada.

Cervený (2001) comenta que no grupo familiar o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros, sendo assim, o grupo familiar pode ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade, as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros.

Por outro lado, o curta-metragem prossegue mostrando a amizade que se estabelece entre o robô e a senhora, ele tornou-se o seu companheiro de todas as horas. Isso pode ser observado na cena em que o robô pega um cobertor e cobre a velha que estava adormecida em uma cadeira na sala, e na cena seguinte, na qual os dois assistem TV juntos e, ainda, no momento subsequente, em que estão sentados e interagindo na mesa durante o jantar.

Outra cena na qual se pode perceber essa interação, é o instante no qual a senhora está sentada em sua cadeira de balanço na área externa de sua casa, e o robô lhe entrega uma chaleira, e ela, em retribuição, entrega uma lata de óleo ao mesmo, demonstrando que naquela casa havia um cuidado mútuo entre ambos, por fim, os dois apreciam o final de tarde e o pôr do sol em conjunto.

É possível pensar que essa amizade é um retrato do que ocorre atualmente na sociedade, pois a tecnologia, por meio das redes sociais, tem um grande espaço na vida do ser humano. O celular é quase uma extensão do próprio corpo e, em muitas situações, quando a pessoa precisa de apoio, ela recorre às redes sociais e aos aplicativos por meio do celular.

Porém, é preciso problematizar essa exposição à tecnologia e a substituição do contato humano pela mesma e refletir sobre o quanto isso pode ser prejudicial para o desenvolvimento humano. Kohn e Moraes (2007) ressaltam que as normas sociais mudam com o advento da era digital, com ela, regulamentando o uso de serviços que facilitam o desenvolvimento de informações, negócios e diretrizes, também se modificam as relações sociais e culturais, ocorrendo então uma transformação dos indivíduos nas interações e relações que estabelecem com o seu meio, a partir daí, podem surgir problemas sociais.

Ainda segundo esses autores, o avanço da internet e da tecnologia faz com que as habilidades sociais se tornem mais difíceis de serem desenvolvidas, pois as pessoas abandonam seus valores culturais e se apegam ao mundo virtual, no qual aparentemente os indivíduos não se importam com os outros. Quanto mais se apegam a esse mundo, mais eles deixam de experimentar sentimentos, emoções e sensações.

Outro fator que pode surgir é o vício tecnológico, que pode ser entendido como um conjunto de dependências e impossibilidade de controlar o uso de tecnologia, podendo causar quadros como irritabilidade, ansiedade, depressão, abstinência, mudança de humor, entre outros. Em uma perspectiva psicológica, a tecnologia pode ser um fator que contribui para o desenvolvimento de transtornos mentais (RUAS; OLIVEIRA, 2018).

Entretanto, vale comentar que, durante a fase de isolamento provocada pela covid-19, a tecnologia foi essencial para que muitas pessoas velhas não ficassem totalmente isoladas, o que demonstra que a tecnologia em si não é um problema. É o uso que se faz da mesma que pode se tornar prejudicial para o desenvolvimento.

Sobre esse aspecto, Kreis et al (2007) comentam que a tecnologia surge como alternativa para reduzir a solidão e o isolamento e, por fim, melhorar o bem-estar do velho, podendo também favorecer o processo de comunicação com parentes ou amigos, fortalecendo as relações interpessoais e, inclusive, promovendo encontros intergeracionais. A tecnologia constitui-se numa ferramenta que pode ser utilizada para diminuir a distância entre determinados grupos, destacando-se os velhos.

Na última cena do curta-metragem, observa-se que a senhora morre em sua cadeira de balanço e que o robô tenta carregá-la utilizando suas baterias, mas essa tentativa mostra-se em vão, na cena seguinte, mostra-se o que seria um sonho da velha, ou seja, a ida ao circo em companhia do robô amigo.

No final do curta-metragem, ela morre sozinha e isolada em sua casa, sem ajuda ou apoio familiar. Pinhel (2011) comenta que o envelhecimento, em geral, é acompanhado por

perdas e que podem ocorrer negligências por parte dos familiares do velho, sendo uma delas o abandono e a solidão da pessoa nessa parte do ciclo vital.

Nas últimas cenas, é possível pensar em uma metáfora, o robô necessita das baterias para se manter em funcionamento, e o ser humano também precisa de algo que possa alimentá-lo, manter seu ânimo e sua saúde mental e emocional, quando o sujeito é velho, tendo em vista que esse grupo social é marginalizado, essa necessidade de recarregar as baterias é ainda mais evidente.

Oliveira (2011) comenta que os velhos sentem-se menos pesados dentro de casa quando podem usufruir da companhia de seus netos, os benefícios desse encontro intergeracional ocorrem para ambas as gerações, pois a cultura não chega para as crianças como um saber externo, sem nexos com o que é vivido. E os avós conversam de igual para igual com as crianças, refletindo sobre os mais diversos eventos.

O mesmo autor segue comentado que, com os avós, o ritmo é outro, as lembranças compostas pelas experiências de vida recompõem a arte de contar sem pressa, e a cultura oral preserva muita sabedoria. Os velhos sentem-se satisfeitos por poder compartilhar suas histórias e conhecimentos e compreendem que através dessas histórias podem continuar vivos nas lembranças dos netos, mesmo após a sua morte.

Desta forma, pode-se supor que, para recarregar a bateria dos velhos, poder-se-ia investir no relacionamento intergeracional, proporcionando mais qualidade de vida e satisfação para os velhos; não por acaso, as últimas cenas mostram a ida ao circo, uma atividade que pode ser realizada entre avós e netos e que pode ser prazerosa para ambos.

O curta-metragem analisado narra uma história sem utilizar palavras, e estas não são necessárias, porque a história contada, ou seja, a história de uma senhora velha e solitária, é também uma história comum, podendo ser a história de uma vizinha distante, ou de uma tia que não se vê há muito tempo, ou ainda de alguém mais próximo, uma mãe que já criou seus filhos ou uma irmã que, com o passar dos anos e em decorrência das exigências da vida, viu-se afastada da fratria.

Por outro lado, vale lembrar que o envelhecimento é feminino, uma vez que a expectativa de vida da mulher é maior do que a expectativa de vida do homem, elas cuidam com mais frequência da própria saúde e se expõem menos a situações de risco. Nicodemo e Godoi (2010) comentam que, de acordo com as estatísticas, as mulheres representam a maioria dos idosos em todas as regiões do mundo. O número de mulheres velhas é muito maior do que o número de homens, e estima-se que a expectativa de vida

média das mulheres seja de cinco a sete anos a mais do que a dos homens. Com isso, as mulheres acumulam também algumas desvantagens na vida, como violência, discriminação e desvalorização.

No Brasil, a expectativa de vida média das mulheres é oito anos superior à dos homens. Isso pode ser atribuído a fatores biológicos, principalmente o efeito dos hormônios e a diferença na exposição aos fatores de risco de morte, considerando que as mulheres procuram mais os serviços de saúde, o que evidencia maior preocupação com o autocuidado, fazendo menos uso e abuso de tabaco e álcool e tendo atitudes diferentes dos homens frente à saúde e à doença (MOURA; DOMINGOS; RASSY, 2010).

Ainda para as autoras, do ponto de vista social, as consequências da feminização da velhice são óbvias, hoje, a maioria das mulheres velhas não exerce trabalho remunerado. Portanto, a desigualdade nesse grupo se torna visível. Da mesma forma, o processo de envelhecimento tem maiores riscos para a saúde das mulheres, em termos de integração social, saúde e proteção. Esses riscos decorrem de fatores biológicos relacionados ao histórico de vida, saúde e doença, pobreza e isolamento social.

Para finalizar, a senhora retratada no curta-metragem não tem nome, porque o nome dela poderia ser qualquer um, já que muitas velhas, independente de classe social, vivem em situação semelhante à que foi retratada na obra analisada. A animação dá visibilidade à solidão vivenciada por essas mulheres na terceira idade e faz com que a sociedade pense sobre o apoio fornecido a essas pessoas, que podem se tornar ainda mais vulneráveis, caso não tenham uma rede social e familiar que possa acolhê-las.

Existem três cenas do curta-metragem nas quais é possível observar a idosa e o robô contemplarem o pôr do sol, para Jung (2015), o percurso diariamente realizado pelo sol é comparado ao ciclo vital. O sol nasce, se eleva no horizonte e encontra-se a pino no meio-dia, posteriormente realiza um movimento descendente até se pôr ao fim da tarde, percorrendo o outro lado da terra no período noturno. Para esse mesmo autor, a vida humana também obedece a esse ritmo e a essa curva, ao meio-dia nasce a morte e, quando o sol entra em declínio no horizonte, começam também as perdas físicas que acompanham o envelhecimento, porém, a consciência deve continuar em expansão.

Com isso, contemplando o horizonte sentada em sua cadeira de balanço, a personagem do curta-metragem realizava também o movimento de voltar-se para dentro de si, promovendo a expansão que, de acordo com Jung (2015), pode conduzir à sabedoria; no curta-metragem, observa-se que a personagem permanecia serena ao contemplar o pôr do

sol e ao vivenciar as limitações trazidas pelo envelhecimento, ela aparentemente demonstrava sabedoria para vivenciar essa fase da vida. Mas esse movimento de voltar-se para dentro de si, em muitos casos, não é favorecido na sociedade atual.

A sociedade atual busca a eterna juventude, a fase adolescente do ciclo vital em muitos casos passou a ser compreendida como um estilo de vida, como destaca Von Franz (1992), que deve ser perseguido independente da faixa etária na qual a pessoa se encontra, essa forma de encarar a vida pode dificultar o planejamento para a fase da velhice e o acolhimento dos membros mais velhos da família.

Esse comportamento pode ser comparado ao mito da caverna de Platão, pois se observa uma sociedade que tem uma visão distorcida em relação à natureza humana, buscando a eterna juventude sem compreender a potencialidade e as possibilidades de expansão proporcionadas pelo envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abandono e a solidão sentida pelos velhos é a prova de que a sociedade não se prepara para a velhice, não a deseja, por isso, não há um planejamento voltado para que a vivência dessa fase ocorra de forma que seja possível minimizar as perdas sofridas pelos velhos.

A ligação entre a finitude da vida e a velhice pode ser um fator que explica a negação em relação à velhice, outro ponto que também pode servir como base para essa negação é a ideia de improdutividade atrelada ao velho.

Nessa fase da vida, o indivíduo necessita de uma rede de apoio que possa ampará-lo, e, a inexistência dessa rede, pode gerar sofrimentos diversos para a pessoa que vivencia a velhice dentro de um contexto solitário, esse velho pode apresentar sinais de esquecimento, culpa e lamentações, o que pode ocasionar problemas psicológicos como a depressão e a ansiedade.

Este trabalho teve por objetivo compreender a vivência da personagem do curta-metragem *Changing Batteries* durante a fase do envelhecimento e, mais especificamente, compreender o apoio dado por sua família à mesma durante essa fase e os recursos com os quais ela contou para promover sua qualidade de vida durante a velhice.

Observou-se que a senhora não contava com uma rede de apoio para auxiliá-la durante a fase do envelhecimento, seu filho aparentemente não a visitava com frequência, e o robô que ele enviou de presente para a mãe, apesar de fazer companhia para a velha e ser

carinhoso com a mesma, não era humano e não poderia substituir o contato com o filho e com a família estendida.

A análise do curta-metragem proporcionou dados para compreender o envelhecimento feminino e a solidão durante essa fase do ciclo vital. Ressalta-se, porém, que a interpretação do curta-metragem analisado neste trabalho é apenas uma dentre as diversas possibilidades de interpretações que podem ser realizadas com base na referida obra.

REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A Família como Modelo: desconstruindo a Patologia**. São Paulo: Livro Pleno, 2001.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHANGING Batteries. Direção de Cassandra Ng. Produção de Shu Gi Lim. Vimeo: **Sunny Side Up**, 2013. Curta Metragem (5 min e 33 seg). Disponível em: <<https://vimeo.com/58515111>>. Acesso em: 26 Março de 2021.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena et al. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 09 de Abril de 2021.

GUIMARÃES, Iraci Gonçalves; CARNEIRO, Maria Helena Silva. ENVELHECIMENTO E FINITUDE—QUAL A REPRESENTAÇÃO DA MORTE?. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 17, n. 1, 2012.

KREIS, Rosana Alfinito et al. O impacto da informática na vida do idoso. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 10, n. 2, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e transcendência: Seleção e edição de Brigitte Dorst**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, v. 3, 2015.

KOHN, Karen; MORAES, CH de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2007. p. 1-13. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/profile/Claudia-Moraes>>-Acesso em 29 de Abril de 2021.

Ronan Pereira BENTO; Ana Letícia Guedes PEREIRA. Recarregando as Baterias: Solidão na Fase do Envelhecimento. **JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Julho. Ed. 28. V. 1. Págs. 396-408. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.**

LIMA, Priscilla Mello Ribeiro de; COELHO, Vera Lúcia Decnop; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Envolvimento com a vida: um desafio da velhice. **Geriatr Gerontol Aging**. p. 261-268, 2011.

MOTA, Fernanda Rochelly do Nascimento et al . Família e redes sociais de apoio para o atendimento das demandas de saúde do idoso. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 833-838, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1414-81452010000400025\ lng= en\ nrm=iso>. Acesso em: 25 Abril de 2021.

MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos; DOMINGOS, Ana Maria; RASSY, Maria Elizabete de Castro. A qualidade na atenção à saúde da mulher idosa: um relato de experiência. **Escola Anna Nery**, v. 14, n. 4, p. 848-855, 2010.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NICODEMO, Denise; GODOI, Marilda Piedade. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Revista Ciência em Extensão**, v. 6, n. 1, p. 40-53, 2010.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Vidas Compartilhadas: Cultura e Relações Intergeracionais na Vida Cotidiana. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEL, Maria João Jorge Manso. **A solidão nos idosos institucionalizados em contexto de abandono familiar**. 2011. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.

RUAS, Andressa Caroline Dornelas; DE OLIVEIRA, Vania Cristine. ANÁLISE DO FILME TECNOLOGIA E INTERNET: Uma reflexão psicológica sobre dependência à luz do filme “Her”. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, n. 3, p. 1-7, 2018.

VIANNA, Lucy Gomes; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud; ALVES, Vicente Paulo. O velho e a morte. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 15, n. Especial 12, p. 117-132, 2012.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Puer aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

WIEHE Iara. **Fratrìa, Fraterno e Fraternidade**. IEPP- Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia. 2013. Disponível em:<<https://iepp.com.br/fratria-fraterno-e-fraternidade/>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.